

BENEDITO NUNES: PRIMEIROS PASSOS DO CRÍTICO NO JORNAL *FOLHA DO NORTE*

Maria de Fátima do NASCIMENTO/UNICAMP/UFPA

Pautado em textos coletados na imprensa, com o presente trabalho, propõe-se mostrar a trajetória de Benedito Nunes, entre 1946 e 1951, no periódico da capital do Pará, *Folha do Norte*, mais precisamente, no encarte “Arte Suplemento Literatura”, um dos mais importantes da cultura local na Belém daquele momento. A partir do estudo dessa produção é possível observar o papel dessa experiência na formação do crítico literário respeitado que ele se tornou.

Antes, porém, de publicar no suplemento em foco, Nunes, aos 12 anos, já se encontra enfronhado com leitura e escrita de poemas. Ele tem uma experiência excepcional com amigos que se tornam, mais tarde, poetas e escritores reconhecidos. Em 1942, o intelectual paraense, juntamente com Max Martins (poeta falecido em fevereiro de 2009), Alonso Rocha, Jurandir Bezerra e Haroldo Maranhão (romancista, criador e editor do “Arte Suplemento Literatura”, falecido em 2004), fundam uma agremiação de letras chamada *Academia*, que, depois, dentro dos moldes da *Casa de Machado de Assis*, passa à *Academia dos Novos*. Nessa agremiação, tendo como sede a casa de umas tias de Benedito Nunes, reúnem-se para ler e recitar composições de autores românticos e parnasianos, a exemplo de Castro Alves e Olavo Bilac, e versos metrificados e rimados produzidos pelo grupo, através do que se exercitam na escrita de poemas, tomando como modelo os adeptos da *arte pela arte*, ao seguir os postulados do *Tratado de Versificação*, de Guimarães Passos. Do contexto em evidência, o ensaísta belenense recorda-se com estas palavras:

Falecido em 2004, Haroldo Maranhão, meu companheiro de colégio no ginásio, a que me ligou, desde menino, a comum fome de leitura, e também meu confrade literário numa sociedade juvenil que fundamos, com outros então novos – a Academia dos Novos – espelhada na Academia Brasileira de Letras (ABL), seguindo os requisitos acadêmicos todos que nos propunha um dos Anuários dessa entidade que ambos avidamente lêramos (NUNES, 2005, p. 291)

Entretanto, no Pará, o primeiro momento de “insurreição Modernista” já ocorre com a revista *Belém Nova* (1923-1929), cuja profissão de fé, o *Manifesto da Beleza*, é de autoria de Francisco Galvão. O seu fundador e dirigente é Bruno de Menezes, que deixou um conjunto de obras literárias importantes, sendo *Batuque* (1931) a mais conhecida. Na *Belém Nova*, Abgvar Bastos publicou dois manifestos em prol da literatura modernista: “À geração que surge” (1923) e “Flami-n’-assu” (1927)¹. Posteriormente, vai morar em São Paulo e entra na política partidária, deixando, desse momento inicial, *Terra de Icamiba* ou *A Amazônia que Ninguém Sabe* (1930). De igual modo, a famosa cronista Eneida de Moraes, também uma das colaboradoras daquela

¹ Ver Marinilce Oliveira Coelho: Itinerários Modernistas. In. *O Grupo dos Novos (1946-1952): Memórias Literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA; UNAMAZ, 2005. p. 71- 106.

revista, escreveu seu livro de estreia, *Terra Verde* (1929), explicitamente em consonância com a nova tendência, partindo para a Cidade Maravilhosa e tornando-se militante política do Partido Comunista do Brasil (PCB).

E ainda há um segundo momento do Modernismo em Belém, já que, em 1938, outro grupo funda a revista *Terra Imatura*, que circula de 1938 a 1942, dirigida por Cléo Bernardo e seu irmão Sylvio Braga, tendo como redatores, entre outros, Bruno de Menezes, Ruy Barata, Dalcídio Jurandir e o Prof. de Literatura Portuguesa e História da Arte Francisco Paulo do Nascimento Mendes, célebre na capital do Pará². Como diz Marinilce Oliveira Coelho: “Essa revista foi significativa por expressar em suas páginas uma literatura mais preocupada com a realidade sociopolítica, já sem aquele caráter experimental e irreverente do primeiro instante modernista” (2005, p. 93).

Benedito Nunes, no prefácio intitulado “Max Martins, Mestre-Aprendiz”, do livro de Max Martins *Não para Consolar: Poemas Reunidos 1952-1992*, dado à estampa em 1992, traz informações preciosas que esclarecem as circunstâncias envolvendo a *Academia dos Novos*, cujos integrantes, em 1942, ainda vivem na era parnasiana:

Nada sabíamos da passagem de Mário de Andrade por Belém em 1927 e muito menos da existência de seus correspondentes paraenses, mais interessados nos estudos do folclore do viajante paulista do que na poesia “futurista” de PAULICÉIA DESVAIRADA. Embora já tivesse dezoito anos de idade, o Modernismo ainda não ingressara em nossas antologias escolares. Vivíamos, durante a Segunda Guerra Mundial, uma época de isolamento provinciano; sendo o transporte aéreo precário e raro. Belém ligava-se às Metrôpoles do Sul quase que só pela navegação costeira do Ita. Isso tudo justifica, mas não explica nosso retardamento literário de jovens verzejadores acadêmicos. Pois fundamos nossa própria Academia com poltronas austríacas, lustre, patronos ilustres, posse solene e discurso de recepção. Só começaríamos a modernizar-nos depois da morte de Mário de Andrade, em 1945 (NUNES, 1992).

Contudo, ainda de acordo com o pensador do Pará, é o poeta Max Martins quem primeiro se dá conta do atraso cultural em que a *Academia dos Novos* vive em se tratando de arte verbal, especialmente, da produção em versos:

Max Martins, honra lhe seja feita, antecipou-se a esse processo de geral conversão estética. Bancando o Graça Aranha, gritou Morra a Academia! Numa sessão solene. E saindo espavorosamente da sala, ou do recinto, conforme dizíamos, foi sentar-se no banco público fronteiro à minha casa, sede do silogeu, onde esperou a saída dos confrades para a costumeira badalação em bando pelas ruas da cidade (NUNES, 1992).

Como se vê, a consciência do Modernismo, no Brasil, para esse grupo de autores iniciantes do Pará, como reconhece Benedito Nunes, só vem a acontecer em 1945, após a morte de Mário de Andrade, porquanto, segundo aquele, semelhantes homens de letras desconhecem o que acontece no seu Estado durante os anos de 1920 e 1930, até porque alguns modernistas paraenses de primeira hora mudam-se para a capital federal.

² Francisco Paulo do Nascimento Mendes (1910-1999) tem grande importância na formação de intelectuais paraenses desse período. Amigo, entre outros, de Benedito Nunes, Mário Faustino, Max Martins e Clarice Lispector, de cuja literatura Nunes vem a ser um dos maiores estudiosos, contribui marcadamente para o desenvolvimento da vida cultural do Pará.

O fato é que, quando cessam as publicações da revista *Belém Nova* em 1929, ano em que Nunes nasce, cada um dos colaboradores do periódico trilham caminhos diferentes. Uns continuam suas produções sem a vinculação com o grupo e outros publicam na capital federal ou na Pauliceia. Percebe-se, ainda, que, em relação a uma arte como a literatura, sobre a qual os estudos geralmente são feitos somente muitos anos depois da produção ficcional e poética, principalmente em se tratando de textos publicados em jornais e revistas, não sistematizados em livros escolares no “calor da hora”, os conhecimentos permanecem, em geral, à margem do cânone.

Dáí se constata o seguinte: embora haja dois movimentos paraenses em que poetas, cronistas e romancistas se espelham no Modernismo nacional para discutirem a literatura produzida no Brasil anterior à geração do pensador de Belém, e os famosos primeiros nomes modernistas situados no eixo Rio - São Paulo, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, já tinham assinado textos fundantes, a exemplo de *Pauliceia Desvairada* (1922), *Pau Brasil* (1924) e *Ritmo Dissoluto* (1924) respectivamente, esses não iluminam de início os jovens da *Academia dos Novos*, que apenas começam o seu fazer literário. Senão, vejamos o abalizado comentário infracitado:

A minha geração incorporou extemporaneamente esse movimento (o Modernismo), restaurando as suas fontes, paulistas principalmente e seus derivados cariocas e mineiros, sem entreter a menor relação com os pioneiros paraenses de *Belém Nova*, excetuando Bruno de Menezes, para nós tão só o autor da poesia da negritude em *Batuque* (1931), original contraponto à poesia servonegra de Jorge de Lima. Muitos dentre os pioneiros modernistas do Pará, na década de 20, como Eneida de Moraes, tomaram um Ita no Norte, emigrando para o Rio de Janeiro (NUNES: 2005).

Após desfeita a agremiação da *Academia dos Novos*, em 1945, e criado o “Suplemento Arte Literatura”, em 1946, por Haroldo Maranhão, Benedito Nunes é convidado para pertencer ao corpo de colaboradores daquele encarte jornalístico, cuja equipe de elaboração congrega um grupo de antigos e novos amigos que escrevem no mesmo periódico e comungam de igual ideário estético-literário, entre eles Mário Faustino. Este se torna um grande amigo do pensador belenense, tendo em vista, inclusive, as afinidades eletivas entre eles em termos de leituras. O próprio Nunes concede um depoimento a respeito dessa amizade:

Conheci Mário Faustino em 1947, na primeira e única reunião da secção local da ABDE (Associação Brasileira de Escritores), que seu então presidente Haroldo Maranhão, também primeiro e único, conseguiu mobilizar (...). Não saberei dizer como se firmou entre nós o pacto da amizade. Na Belém de trezentos mil habitantes, pós-Segunda Guerra Mundial, havia, apesar do calor, clima para longas caminhadas a pé, para passeios nos velhos bondes, que seriam os últimos, ou nos novos ônibus, que então começaram a circular, e para demoradas conversas nas casas de um e de outro, que se prolongavam nos cafés, sobre livros que líamos. De caminhada em caminhada, de leitura em leitura, tornamo-nos íntimos, fraternais amigos: visitávamo-nos mutuamente sem hora marcada (NUNES, 2000).

Semelhante amizade lítero-pessoal entre os dois intelectuais, além de profunda, revela-se, em conformidade com Lilia Silvestre Chaves, em *Mário Faustino: Uma Biografia*, duradoura, permanente:

A amizade com Benedito Nunes durou quinze anos, desde que se conheceram em 1947 até a morte de Mário Faustino em 1962. (...) A amizade entre Mário e Benedito jamais arrefeceu e

iluminou a existência daquele que sobreviveu ao outro, mesmo para além da morte, pela lembrança e fidelidade a um nome (2004, p. 147).

Na ambiência cultural da capital do Pará, o “Arte Suplemento Literatura” exerce papel fundamental tanto na divulgação da produção dos autores locais: poemas, capítulos de romance e ideias de intelectuais importantes do Brasil e do exterior, quanto nas relações estabelecidas entre esses jovens literatos que vão aperfeiçoar, também, suas leituras filosóficas, de poemas e de apreciação de livros, como é o caso do ensaísta belenense, que vai experimentar várias formas de arte da palavra e dos estudos do pensamento reflexivo, até encontrar o seu lugar na crítica literária e na filosofia.

Como crítico de arte verbal, Nunes inicia-se pela imprensa escrita de Belém, na condição de colaborador do encarte literário da *Folha do Norte*, durante o período de 1946 a 1951. O retromencionado suplemento totaliza 165 números e recebe colaborações de grandes nomes da crítica literária brasileira, a exemplo de: Antonio Candido, Aurélio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira, Paulo Rónai, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, Roger Bastide e Álvaro Lins, bem assim de poetas renomados, entre eles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Murilo Mendes.

O “Arte Suplemento Literatura” vem a constituir um dos mais importantes veículos locais de informação para os escritores iniciantes no estado do Pará, como é o caso de Benedito Nunes. Em tal publicação se expunha:

o espírito de um grupo de intelectuais, poetas e jovens sonhadores, ávidos de conhecimento, não apenas restrito ao campo da literatura, mas exercendo o direito à pesquisa estética no campo da crítica de arte, nos moldes exercitados por Mário de Andrade (MAUÉS, 2002).

O convívio com a leitura de textos dos melhores poetas e críticos, no encarte jornalístico em causa, e a discussão, entre os seus redatores, sobre as novas ideias vigentes na literatura e na arte em geral, pois já corre a chamada terceira fase do Modernismo brasileiro, quando desponta o poeta João Cabral de Melo Neto; a verve perspicaz de leitor autodidata do pensador brasileiro; o encontro, em 1947³, com Mário Faustino, que, como está referido, vai ser um importante parceiro intelectual nas discussões e leituras de livros; tudo isso, certamente, contribui para a formação do crítico literário belenense, que escreve, ainda muito jovem, na mesma folha para a qual colaboram os mais renomados artistas literários e articulistas do período.

O primeiro número do “Suplemento Arte Literatura” da *Folha do Norte* surge em 5 de maio de 1946, trazendo, na primeira página, a composição poemática “Testamento”, de Manuel Bandeira, e, na terceira página, o texto em prosa de autoria de Benedito Nunes, *João Silvério*, dividido em dois pequenos capítulos, a saber: “Menino Doente” e “Jaqueira”; constando a indicação “Capítulos de um Romance” ao final do texto:

João Silvério

MENINO DOENTE

- Vá brincar, Silverinho. Tome um tostão pra comprar papagaio na quitanda.
- Silverinho pegou na moeda e saiu correndo.
- Magro. Todas as costelas pra fora.

³ Ver Benedito Nunes: “Meu Amigo Mário”. In. *Dois Ensaios e Duas Lembranças*. Belém: SECULT/UNAMA. 2000, p. 37-42.

D. Inácia engomava e lavava. Ali, na Conselheiro, tinha bons fregueses: a d. Eglantina, o dr. Albin. Aquela Sinhuca é que mesmo não pagava. Essa gente rica é descarada...

(...).

JAQUEIRA

João Silvério meteu-se na Jaqueira. D. Inácia não gostava que o menino brincasse na estância. Mas João Silvério estimava aqueles pequenos sujos e magros que moravam em quartos de madeira.

De noite, sentavam-se sob o poste de luz da esquina e conversavam, brincavam.

O “Beijo Virado” de vinte anos era do tamanho de João Silvério. Tinha o beijo partido. Contava anedotas de português e de turco numa voz fanhosa.

(...).

(Capítulos de um Romance)

No entanto, não há continuidade do citado romance nos números subsequentes do periódico, até que, no suplemento nº 3, de 26 de maio de 1946, tem-se outro texto de Nunes. Trata-se do “Poema do Solitário”:

Poema do solitário

I

Quero ir ao encontro da última estrela

Quero passar além de todos os sois

E olhar o que ficou

E olhar o que virá.

II

Na noite chuvosa não há equações

Nem matemáticos impertinentes

Mas o canto do grilo

- queixume da grama ensopada.

III

O grilo é um operário esquisito

Que só trabalha de noite

Serrando capim

IV

Acende apaga acende apaga aqui ali

O vaga-lume dirige o trânsito noturno.

Da primeira página do suplemento 88 da *Folha do Norte*, de 18 de julho de 1948, eis outra composição em verso de autoria do intelectual de Belém:

Poema

És a sensação da volta
e as caminhadas pela casa após viagem
os abraços que nos transformaram e onde nos perdemos
apreensão de encontrar mais alguém entre parentes.

Na infância és o pranto e a tarde quando brincamos
a ânsia de espiar na mais alta janela
o silêncio que repentinamente cai sobre os brinquedos.
És o pranto que nos assaltou à mesa de jantar
Fazendo sentir a estranheza da voz em nossas bocas
E o mal disfarçado esforço para comer e beber

Também és alegria de sentirmos as coisas num corpo desgastado
Alegria de olhar e de dizer tudo se pudéssemos.
E é por ti que nos vem a comoção da morte.

Benedito Nunes, depois de ter dado à estampa o “Poema do Solitário”, publica com assinatura mais 21 poemas até 20 de fevereiro de 1949 (“Trecho da Conselheiro Furtado”, “Balada do Inverno”, “Poema das 4 Ruas”, “Elegia”, “Fragmento”, “Hino do Caminhante”, “Ligação, Fragmento 2”, “Cantiga, Fragmento 3”, “Elegia para Mim Mesmo”, “Mar”, “Triste 1”, “Triste 2”, “Poema”, “Estrela do Mar”, “Confissão”, “Fuga”, “Salmo”, “Poema”, “Retrato”).

Em 24 de dezembro de 1950, o jornal traz, em sua primeira página, o título “Dez Poetas Paraenses”, com fotos, poemas e uma pequena informação sobre eles. A seleção e notas são de Ruy Barata. Entre os poetas em destaque, figura Benedito Nunes, com foto e quatro poemas selecionados: “Estrela do Mar”, “Salmo”, “Fuga” e “Mar”, estando todos quatro poemas já publicados anteriormente nesta sequência de data: 31/8/1947; 13/6/1948, 1º/1/1948 e 25/5/1947.

Entre 1946 e 1951, o nome de Nunes é destaque em 26 números do citado periódico, constando neles o já transcrito texto em prosa, “João Silvério”, bem assim vinte e dois poemas, dois textos sobre teorização de poesia, análises de dois romances estrangeiros, *A Morte de Ivan Ilitch* (1886), de Liev Tostoi, e *A Peste* (1947), de Albert Camus, trabalhos de estreia de Benedito Nunes como crítico literário em nível de romance, e ainda uma coluna intitulada *Confissões do Solitário*, publicada em 5 números de 1946 a 1947, constituída de uma série de aforismos, numerados de 1 a 78 (com lacunas nessa numeração). Essas máximas representam o início dos estudos lítero-filosóficos de Nunes, conforme se pode perceber neste fragmento do primeiro dia da coluna, 25 de agosto de 1946:

Confissões do Solitário

1 - Pode Santayana dizer que temos vivido muito bem sem a “coisa em si”, mas é uma inquietação torturante saber que existe, mas que é inatingível, isto é, escapa à nossa percepção.

Todo homem luta consigo mesmo e, na ânsia de interpretar o universo, sentimos a existência de uma força secreta que força em vão a porta dos sentidos.

Nas noites estreladas, compreendemos melhor a limitação de nosso entendimento, mas há uma revolta em nós, um impulso que procura elevar-se e compreender. Esse impulso é vontade, e toda a vontade produz desenvolvimento.

Penderão os sentidos a aperfeiçoar-se à medida de nossos esforços? Obedecerão à vontade do sábio e do filósofo, projetando mais luz no mundo exterior? -

2 - Haeckel escreve a história do mundo como cientista. A sua perspectiva cosmológica não satisfaz a um filósofo.

Aqui se faz oportuna uma observação: sempre que uma nova descoberta revoluciona toda uma ciência, é apontada como explicação de uma série de fenômenos ainda não esclarecidos e, às vezes, tudo se resolve na nova descoberta.

Ora, eis o que fez Haeckel com o éter chegando até mesmo a dar-lhe graus divinos.

(...)

7 – Uma figura quase que inteiramente esquecida é a de Farias Brito.

Quem hoje lê as suas obras, que por sinal, não passaram da primeira edição?

Entretanto Farias Brito, longe de ser medíocre, é dotado de espírito penetrante: dá viveza à filosofia sem deixar de ser profundo.

É claro até mesmo quando explica a Estética ou outro qualquer livro da Crítica.

Negam-lhe a originalidade, isto é, há os que o consideram mero expositor de doutrinas filosóficas.

Não li toda a obra de Farias Brito, nada podendo afirmar ou negar, por enquanto, nesse sentido; mas o terceiro volume da Finalidade do Mundo revela um espírito que não é provinciano. (NUNES, 1946)

De certo modo, essa coluna explica a gênese da apreciação literária e filosófica de Benedito Nunes, notando-se ali que ele começa a se preocupar com autores aos poucos esquecidos por falta de estudos mais acurados em torno de tais personalidades. O pequeno comentário supramencionado, por meio do qual o autor já demonstra uma verve crítica, parece chamar a atenção dos editores, uma vez que, onze anos após a sua publicação, Nunes foi convidado a selecionar trechos e fazer um estudo crítico da obra do filósofo brasileiro do Ceará, Farias Brito, num livro publicado pela Editora Agir em 1967.

Pode ser depreendida, nos aludidos aforismos, a presença das várias obras que o intelectual do Pará lê, bem como a importância delas para sua formação de crítico literário, função que vem a exercer mais tarde. Nesse particular, em texto publicado em 2005, ele declara:

O Suplemento da Folha do Norte, que Haroldo criou e editou, e onde publiquei “As Confissões do Solitário”, foi emblemático para a identidade intelectual de minha geração e particularmente para a sorte do nexo entre literatura e filosofia que, para mim, se formou nessa época, e que só muito mais tarde tornou-se privilegiado objeto de reflexão. (NUNES, 2005).

Assim é que, no “Arte Suplemento Literatura”, Benedito Nunes se aventura pela prosa romanesca, passando, em seguida, para a produção poética. É nessa ocasião que o pensador belenense se dá conta de que a sua aptidão está voltada para a reflexão filosófica e, daí em diante, não publica mais versos, segundo depoimento dele, em 1950, concedido, na *Folha do Norte*, ao poeta paraense Ruy Barata, que também publica composições suas no mesmo periódico:

Benedito Nunes (...). Escreveu poesias até 1949, quando reconheceu a tempo que tinha batido em porta errada. A voz dos amigos e de seu próprio coração diz que tem pendor para os estudos de filosofia. Deve essa inclinação ao excessivo medo de morrer e de ir para o inferno que o acompanhou durante toda a sua infância e ainda taludinho. Salvou-se de ficar a vida inteira agnóstico, lendo Pascal. Unamuno fez muito mais pela sua conversão do que os catecismos reunidos (BARATA, 1950).

Nesse depoimento, o intelectual do Pará fala também de suas leituras, as quais, como se observa, já vão delineando as críticas literárias que, posteriormente, são feitas por ele em jornais, revistas e livros:

Sua mais recente paixão literária: A Peste, de Camus. Leitor assíduo de Kafka. Poetas de sua predileção: Rilke e Valéry. Se usasse chapéu, ao passar pela literatura brasileira atual, só o tiraria da cabeça uma vez para saudar a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Lembra-se de que gostou de um romance nacional, as Memórias de um Sargento de Milícias. Às vezes sonha em ser regente de orquestra e ouvir durante uma eternidade Bach, Beethoven e Debussy (BARATA, 1950).

Ainda no “Arte Suplemento Literatura”, encontram-se três notícias sobre as atividades intelectuais de Nunes, cujo destaque já é percebido, naquela época, pelos seus pares, que reconhecem nele uma personalidade importante na imprensa paraense, como exemplifica este trecho de uma notícia de 11 de janeiro de 1948, intitulada “Irá ao Rio Benedito Nunes”:

Deverá viajar por estes dias para o Rio de Janeiro o jovem intelectual Benedito Nunes, um dos mais novos poetas paraenses. O nosso distinto colaborador acaba de sair vencedor de um

movimentado concurso estudantil, devendo representar o nosso Estado num Congresso de estudantes.

E o percurso crítico de Benedito Nunes, no supracitado encarte da *Folha do Norte*, é traçado gradativamente mediante várias leituras de grandes autores e produção de textos. Ele mesmo reconhece, quase sessenta anos depois, a importância, para a sua formação intelectual, desse encarte jornalístico, para o qual colabora assiduamente até a sua extinção:

Foi o Suplemento da Folha que estampou os fragmentos do confessional solitário: pondo à prova, de encontro a um vago neopaganismo neles preconizados, matrizes de minha formação católica, misturavam conceitos filosóficos e imagens poéticas, sob o foco de uma reflexão cética, certamente agnóstica, sobre problemas religiosos, morais e estéticos, alimentada pela vária, incessante, quase obsessiva leitura de Homero e Shakespeare, Santayana e Unamuno, Pascal e Walt Whitman, Baudelaire e Goethe, Renan e Gide, Dostoiévski e Kant, Anatole France, Eça de Queiroz e Monteiro Lobato (o de Urupês e o do Pica-Pau-Amarelo) (NUNES, 2005).

A leitura desses poetas, romancistas e filósofos, aos quais os nomes de Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger podem ser acrescidos, contribui para o amadurecimento intelectual de Nunes, que reflete sobre as suas produções escritas e, então, em 1º de junho de 1947, escreve um texto longo, intitulado “Ação e Poesia I”, mostrando os seus avanços no estabelecimento da relação entre filosofia e literatura, através do que se percebe não um caso de influência, mas, sim, o diálogo convergente e divergente com Kant, Marx, Bertrand Russel, Hemingway e Whitman. Tem-se, aí, a postura de um leitor crítico que constrói personalidade própria, não aceitando determinados postulados de filósofos e cientistas, destacando que: “*a inteligência humana não é imperfeita, mas adequada ao mundo e, por intuição, penetra no mundo do ser. O homem tem a existência seccionada em dois planos: um de vida real, outra de poesia*” (NUNES, 1947, p. 3).

Esse texto tem continuação em 8 de junho de 1947 com o título “Ação e Poesia II”, em que Nunes destaca o embate entre filosofia e ciência, fala da metafísica e da poesia, dialogando com poetas, cientistas e filósofos, como Kant, Santayana, Aristóteles e Bergson. Enquanto estudioso da arte poética, ele destaca os Novecentos como sendo um século de poesia: *Felizmente, o nosso século é de poesia, e os poetas alcançaram uma nova forma de expressão até agora inacessível e velada a muitos homens. Uma tentativa para cobrir a deficiência das palavras vazias* (NUNES, 1947, p. 2).

Em janeiro de 1950, na *Folha do Norte*, vem a lume o já mencionado primeiro texto do pensador belenense com análise de romance, no caso, *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstoi. No último número daquela folha, de 14 de janeiro de 1951, tem-se outra análise do gênero, qual seja, o também referido texto intitulado “Considerações sobre *A Peste*”, de Camus, com duas assinaturas, a de Benedito Nunes e João Afonso (pseudônimo de Nunes usado somente duas vezes no jornal). Assim, por parte do intelectual do Pará, fecha-se um ciclo de aprendizagem, continuada em outros periódicos nacionais, tendo como resultado livros publicados, que, no Brasil de hoje, constituem referências, notadamente, nos cursos de Letras, Educação e Filosofia.

Na década de 1950, Benedito Nunes, além de desenvolver uma intensa publicação de crítica literária no jornal *A Província do Pará*, integra-se aos intelectuais do sudeste do país, publicando artigos no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. No final dos anos de 1950, ele começa a publicar n’*O Estado de São Paulo* e, no decênio de 1960, no jornal *O Estado de Minas Gerais*. Ainda no mesmo período, encontra-se também publicando livros, tanto na área de estudos filosóficos, quanto na de estudos literários, a exemplo dos seguintes trabalhos: *O Mundo de Clarice Lispector*, de 1966, e *O Dorso do Tigre*, de 1969, em que Nunes aproveitou os

conhecimentos filosóficos como um dos fundamentos de sua crítica literária. Esse último livro engloba textos sobre filosofia e ensaios sobre romances, contos e poesia.

Referências Bibliográficas

- CHAVES, Lilia Silvestre. Meu Amigo Mário. In. CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: Uma Biografia*. Belém: SECULT; IAP; APL, 2004, p. 142-149.
- COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos (1946-1952): Memórias Literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA; UNAMAZ, 2005.
- MAUÉS, Júlia. A Modernidade Literária no Estado do Pará: O Suplemento Literário da *Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.
- NUNES, Benedito. Max Martins, Mestre-Aprendiz (Prefácio). In. MARTINS, Max. *Não para Consolar: Poemas Reunidos 1952 – 1992*. Belém: CEJUP, 1992, p.17-43.
- _____. Meu Caminho na Crítica. *Revista Estudos Avançados*, p. 289-305, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. Meu amigo Mário. In. NUNES, Benedito. *Dois Ensaios e Duas Lembranças*. Belém: SECULT/UNAMA, 2000, p. 37-42.
- _____. João Silvério. (Capítulos de um Romance). *Folha do Norte*, Belém, 05 maio, 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- _____. Poema do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 26 maio, 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- _____. Confissões do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 25 ago. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p.4.
- _____. Confissões do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 07 set. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
- _____. Confissões do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 26 jan. de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
- _____. Ação e Poesia I: Especial para a FOLHA DO NORTE. *Folha do Norte*, Belém, 01 jun. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- _____. Ação e Poesia II. *Folha do Norte*, Belém, 08 jun. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- _____. Confissões do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 06 jul.1947. *Arte Suplemento Literatura*, p.3.
- _____. Confissões do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 03 ago. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- _____. Poema. *Folha do Norte*, Belém, 18 de jul. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
- _____. Cotidiano e a Morte em Ivan Ilitch. *Folha do Norte*, Belém, 22 jan. 1950. *Suplemento Arte Literatura*, p. 3 e 2.
- _____. Dez Poetas Paraenses. Seleção e notas de Ruy Guilherme Barata. *Folha do Norte*, Belém, 24 dez. 1950. *Arte Suplemento Letras*, p. 1.
- NUNES, Benedito; AFONSO, João. Considerações sobre *A Peste*. *Folha do Norte*, Belém, 14 jan. 1951. *Arte Suplemento Letras*, p. 3-2.